AMOR EM TERRA DE RAZAM

Sergio Buarque de Holanda

(Especial para o DIÁRIO DE NOTÍCIAS)

AOS que aspiram a resumir toda a história literária num jogo de oposições dialéticas, não custa crer que a poesia brasileira dos nossos dias há de ser tão contrária à das gerações "modernistas" como esta o fôra de antes de 1922. E que, assim, se a reforma dos modernistas se fez ostensivamente sob o signo da liberdade, e poderia, até certo ponto, exprimir-se na profissão de fé de um dos seus grandes cúmplices, quando exclamava —

Não quero mais saber do lirismo que não é libertação

— a contra reforma de 1945, ou de 1948, há de fazer-se sob o signo da disciplina.

Tais simplificações são certamente utilizáveis, e talvez inevitáveis, quando se trate de forjar armas de combate, mas o crítico comprometido pelo seu ofício a permanecer alheio a partidos, não pode deixar de reconhecer e denunciar o que há nelas de suspeito. Ele bem sabe que liberdade não é negação, mas condição de disciplina: da única disciplina — voluntária e diligente, jamais preguiçosa ou passiva, — que o mister da criação artística deve impôr. E sabe que esta espécie de disciplina é, a rigor, independente dos processos técnicos, sejam quais forem eles. Não penso, com efeito, que nossos poetas mais recentes a pratiquem melhor do que outros, ainda quando se entregam de corpo e alma aos metros canônicos e ao soneto.

Alguns, como é o caso do sr. Ledo Ivo, que em cinco anos publicou cinco livros de poesia, preferem não ficar prisioneiros das fórmulas exclusivistas. Mais exuberantemente lírico, talvez, do que qualquer outro dos seus companheiros de geração, o autor deste "Cântico" (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1949) não pode jurar fidelidade a uma técnica exigente e única.

Quem dele esperasse, depois de "Acontecimento do Soneto" impresso em Barcelona, por outro poeta — este severamente formalista — uma definitiva ruptura com as vertigens de "Ode ao Crepúsculo", bem pode pensar que houve agora uma capitulação ou um compromisso. Não houve nem uma coisa nem outra; apenas é ingênuo supor que deva ter caráter sacramental essa aquiescência às formas estáveis, em que já chegou a erigir em virtudes poéticas supremas a surpresa, "a aceleração de encantatório, as descobertas repentinas". E em quem acredita que a genuína poesia é, por vezes, a que se oferece na pura fruição da natureza — linguagem da chuva, passarinagem irresponsável, travo selvagem das frutas, — não a que busca exprimir-se na palavra articulada, na página impressa, ainda menos com certeza — na rígida postura formal:

"Aqui os clássicos se dissolvem
nos papagalos que as crianças saltaram no céu
para lutar com os albatrozes.
Sei, agora, moça, que meus pés nús na areia
estão pisando o chão da Descoberta.
Já não preciso de versos para saber que estou vivo
Vou caminhando entre as árvores sem nenhum
[compromisso]."

Como a personagem de Bernardim Ribeiro, poderia dizer o sr. Ledo Ivo que "ho amor demasiado nam vive em terra de razam". Apenas não o diz porque, apesar de sua natural generosidade e munificência, este poeta quer preferir os benefícios da lucidez aos do abandono e do delírio. "Oh! deixa que eu entre para o Amor com os olhos abertos", exclama em um dos poemas que compõem este seu último livro. E abre o volume, se não com uma arte poética, à maneira dos parásitos, pelo menos com uma profissão de fé onde se espelha sua vontade de ver abolidas as pausas de consciência e afirmado, ao contrário, o ideal de uma composição vigilante:

Não me inclino às harmonias
descobertas no tédio, elipses
de vóos incomunicáveis.
No vasto chão do acaso
eu lúcido apanho uma rosa.

Será engano, talvez, querer discernir aqui uma insídia retórica ou exigência exterior, a que o poeta apenas fingiria ceder para salvar aparências necessárias e prestigiosas. Em realidade não se pode aprisionar o segredo desta poesia numa fórmula unívoca de perfeita limpidez, que tentasse mascarar fortes indecisões continuamente presentes.

Se na "Ode ao Crepúsculo", que ainda me parece sua obra mais bela senão a mais importante (devo, aliás, confessar que não conheço as anteriores), já o próprio título, assim como a insistente Declaração dos Direitos do Sonho, que quer formar sua substância, e mesmo a significativa evocação da "Saison en Enfer" que se insinua no introito —

(E nossos circos equipados com um remoto aparelho celeste e uma técnica inaceitável que inexistência os envolveu, se ainda há pouco, em [1873, eles nos convidavam para o desmonte [da noite aventureira ?])

— sugerem uma inspiração sombria e até abismal, será lícito procurar aqui o sentido verdadeiro desta poesia? Não cabe perguntar, antes, se o elemento noturno e onírico representaria muito mais do que um princípio decorativo adventício? E mesmo se a fulguração de energias obscuras, a demanda do inexistente e do desconhecido

(Só o desconhecido tem sua razão de existir.),

resultavam efetivamente de uma compulsão interior gerada na solidão e no silêncio? E' muito possível, que um leitor arguto e mais intimamente familiarizado com os escritos do sr. Ledo Ivo chegasse, por alguma sutil criptografia, a discernir nessas manchas de sombra e mistério justamente o oposto de um sentimento de frustração e insatisfação diante da vida quotidiana. Assim elas não passariam, paradoxalmente, de caprichosa tel. verbal, destinada, em realidade, a encobrir o que exista aqui de transparente, de aquiescente, por isso de pouco exitante para os que, segundo o gosto da época, vão buscar na poesia a emoção indefinida ou a surpresa.

E esse leitor não deixaria seguramente de insistir em que nesta poesia a parte do mistério é bem menor do que o fazem crer as aparências, predominando, de fato, uma luminosidade solar e estival. Poesia de ar livre, onde a exaltada aceleração da vida presente parece manifesta através das palavras que nela mais assiduamente se repetem: mar, sol, horizonte, céu, vento, navios, pássaros, rosas...

Aceitar todavia esta interpretação é querer eliminar a qualquer preço o que há de complexo ou he-

sitante nos motivos e até nos temas da poesia do sr. Ledo Ivo. Bastaria observar, aliás, como aquelas mesmas palavras, em sua singeleza aparente, nunca deixam de encerrar um conteúdo ambíguo, já que os navios bem podem ser como os barcos da enxurrada, que saem em busca de "reinos fantásticos, inacessíveis", o sol é "espelho do desejo", e o mar, e a rosa...

Jamais veremos o mar que o mar oculta.
Seremos sempre cegos à rosa que está na rosa.

Ao lado disso, o próprio poeta não se preocupa em ocultar-nos suas íntimas contradições, quando confessa, na "Ode ao Crepúsculo", que "sonhou a Poesia indeciso entre inventá-la e descobri-la". Ou talvez, quando fala no "duelo entre a inspiração e o dicionário". Por um aspecto seria o mediador irresponsável, vidente, instrumento voluntário de "Outro" com o qual momentaneamente se identifica, suscitador de tempestades, fabricante de ouro, invocador do demônio. Mas quem aspira a penetrar o mistério de olhos abertos não pode contentar-se com a atitude do romântico, do realista ou do surrealista. O poeta há de tirar de si, com suas forças, a matéria inefável a que dará voz e sentido. Não precisamente por um ato de inteligência, pelo raciocínio lógico que se sabe dispôr as palavras do dicionário segundo a ordem do discurso. E' possível, ainda uma vez, citar Rimbaud, que numa de suas cartas mostra como "as invenções de desconhecido reclamam formas novas". E em outra diz do poeta que deverá "fazer sentir, apalpar, escutar suas invenções". E ainda, que na "Alquimia do Verbo" exclama: "Eu me jactava de inventar um verbo poético acessível algum dia a todos os sentidos".

Todavia, a indecisão notada aqui pelo nosso poeta pode ser ilusória, e dependerá unicamente dos termos falsos em que uma divisão tradicional teria colocado o problema da "inspiração" e da "reflexão". Será interessante, a esse propósito, lembrar como foi posta a questão por um dos mais admiráveis analistas atuais da criação literária. A diferença entre aqueles dois termos, segundo acentua Maurice Blanchet, não se deve medir, com efeito, pela maior ou menor dose de atividade consciente que neles se exprime. A "inspiração" significaria apenas a anterioridade do poema com relação ao seu autor.

Não é possível resumir com simplicidade todo o pensamento de Blanchot. Basta-nos fixar este ponto, que a relação por ele abordada só se pode exprimir num paradoxo, pois que o poeta nasce pelo poema que cria, é posterior ao mundo que suscitou, e sendo o poema sua obra é o movimento mais verdadeiro de sua existência ("máscara mais verdadeira do que o rosto", dirá o sr. Ledo Ivo) é ao mesmo tempo o que faz com que seja o que deve existir sem ele e antes dele.

Mas não é outra coisa, aliás, o que diz o autor de "Ode ao Crepúsculo", em linguagem de poesia, que é a linguagem do paradoxo:

Que em mim mesmo se crie o canto para que eu
[me cumpra verdadeiramente.

Idéia que em outras palavras, mas com muito mais sobriedade e nitidez se reitera agora no "Cântico":

Se inventar é o meu destino,
invento e invento-me. Canto.

Impossível não admirar poesias como a do autor deste "Cântico", onde as palavras através de combinações por vezes insólitas adquirem uma ductilidade e, ao mesmo tempo, uma tensão emotiva ainda raras em nossa literatura, e não sei se não literatura da língua portuguesa. Por outro lado é difícil evitar uma ponta de apreensão quando a magia das metáforas parece desgovernar-se — o que não raro sucede —, convertendo-se em catadupas de vocabulários, que se associam não porque essa associação seja inevitável e "necessária", mas graças apenas ao extraordinário talento verbal do autor. E' como se a tensão, longamente mantida, de súbito se esaurisse e daí por diante só fosse possível conservar sua aparência a poder de artificios. Que o sr. Ledo Ivo sabe sair-se bem desses artificios, prova-o, por exemplo, o final da primeira e toda a segunda parte da "Ode ao Crepúsculo", onde, servindo-se embora do processo cumulativo, que as imitações de Whitman, de Péguy e das ladainhas eclesásticas já gastaram até à usura, transformando-o em um "cliché" fácil, consegue não rebaixar inteiramente o timbre do introito. Mas nem sempre chega a dominar-se com a mesma felicidade: no poema "A Clara Manhã", para citar só esse exemplo, a forma extremamente condensada dos versos iniciais espalha-se de repente, nesta espécie de prosa sentimental:

Ó! se o céu não existir criem-no para mim
que tenho necessidade de inefável e absoluto.

Ao lado disso, há a aptidão desta poesia para acomodar-se a todas as formas e fórmulas, ganhando acentos rítmicos — como no citado introito da "Ode ao Crepúsculo" — ou camoneanos, ou rimbaldianos, aproximando-se aqui da libertinagem lírica do sr. Vinícius de Moraes, ali dos anjos do sr. Murilo Mendes e até — por exemplo no "Soneto Horizontal" e em certas peças de "Acontecimento do Soneto" — do seiscentismo gongórico. Ao oposto do sr. Manuel Bandeira, que até nas traduções, e inclusive nos "pastiches", guarda sempre (e mesmo sem querer) caráter próprio, reconhecível quase ao primeiro relance, o sr. Ledo Ivo perde-se (e talvez mesmo sem querer) em todas as formas de sua escolha ocasional. A essas formas ele poderia aplicar, torcendo-lhes um pouco o primitivo significado, aquelas palavras de um dos seus poemas:

O que não sou nasce em mim
e máscara mais verdadeira
do que o rosto, toma conta
de meus símbolos terrestres.

A propósito de outro poeta da mesma geração literária do sr. Bueno de Rivera, tive ocasião de dizer aqui mesmo, que seu universo poético se limitou talvez voluntariamente em favor de uma intensidade de expressão, que não vejo como possa prolongar-se muito sem cair na monotonia. Quanto ao autor de "Cântico" receio que o mais grave risco para sua poesia, venha, ao contrário, de uma espécie de ilimitação, amiga do virtuosismo e da facilidade.

REMESSA DE LIVROS: — Rua Haddock Lóbo
n.º 1625 — São Paulo.